



revista sobre literatura
infanto-juvenil
<http://www.docedeletra.net>

«Se a memória não me falha» A herança

Claudia Orthof Pereira Lima

Memória

Neste invento contra a morte / que é a memória / você fica comigo / fica sempre /
e quando eu não mais lembrar / é o sinal / de que você foi embora. /
Afinal, morrer não é assim como se pensa / enquanto se pensa /
morrer é se perder de sua história.

Glória Leal

Este texto foi lido
por Claudia, filha
de Sylvia Orthof, na
missa de 7º dia,
realizada na Igreja
de São Conrado,
no Rio de Janeiro,
em 31 de julho de
1997.

As fotos usadas
neste texto foram
extraídas de:
Livro aberto,
confissões de uma
inventadeira de
palco e escrita.
Atual, 1996.
Os bichos que eu
tive (memórias
zoológicas). 20ª ed.
Salamandra, 1983.

Mamãe nasceu no Rio, no Hospital dos Estrangeiros, em 3 de setembro de 1932, filha de um casal de judeus austríacos, que tinham deixado Viena entre as duas guerras, em busca de paz e trabalho. Seu pai, Vovô Geraldo, (Gerhard Orthof) era de uma família de artistas, ele próprio pintor. Seu tio materno foi o músico Arnold Schönberg, e a mãe Malvine era casada com um letrista de operetas vienenses. Esta avó, Vovó Malva, como Mamãe dizia, influenciou muito a adolescente Sylvia, com sua irreverência e liberdade. A mãe de Mamãe, Vovó Trude (Gertrud Alice Goldberg, depois Orthof) foi pintora e ceramista. Era de uma família burguesa e rica de Viena, que perdeu tudo na guerra e veio para o Brasil, fugindo do nazismo. Sua mãe, a Vovó Clara de Mamãe, tocava piano e cantava... e chorava a perda da sua terra natal.

Mamãe teve uma infância difícil. Aprendeu a falar primeiro alemão e falava português com sotaque e errado até a idade escolar. Filha única, numa família de imigrantes pobres, que recebia seus avós e tios, chegados da Áustria em guerra. Além de tudo, quando tinha sete anos, seus pais se separaram, numa época em que isto era muito incomum. Meu avô se casou e a sua segunda esposa tinha uma filha da idade de Mamãe. Ela ficou vivendo com Vovó Trude. Não falavam para a menina Sylvia que ela era judia, por temer o preconceito, não falavam alemão na rua para não serem confundidos com nazistas, num Brasil então em guerra, lutando com os aliados. Na escola, as meninas faziam Primeira Comunhão e Mamãe também quis...e fez, sendo batizada por uma família não religiosa.

Adolescente, conheceu o Teatro do Estudante, de Paschoal Carlos Magno, e aos quinze anos foi a "Julietta" de Shakespeare. Tio Paschoal, com nós o chamávamos, foi uma figura paterna para Mamãe, e para nós um avô louco e divertido, que telefonava sempre com um apelido diferente, geralmente impublicável. Quando crianças, saíamos do Planalto Central, em Brasília, onde moramos, para fazer as visitas montanhosas aos avós: Vovô Geraldo, pai de Mamãe, em Petrópolis, Vovó Trude, mãe de Mamãe, em Teresópolis, Vovó Adalgisa, mãe de Papai, em Petrópolis, e Paschoal em Santa Tereza.

Aos 18 anos foi estudar teatro em Paris, onde estreitou os laços com a única irmã de Vovó Trude, a famosa Tia Hedy, que havia fugido para a França durante a guerra. Tia Hedy, depois da morte de vovó, ficou sendo a mãe de Mamãe, e hoje ainda vive em Paris, aos 95 anos, e me falou ontem, por telefone, que estaria agora reunida a nós, em pensamento. Seu filho Harry, hoje vivendo em Milão, foi o irmão que a Mamãe não teve. Um primo que a ajudou muito pela vida afora, inclusive nos últimos tempos de doença.

Um ano depois voltou ao Brasil e trabalhou como atriz no Teatro Brasileiro de Comédias, em São Paulo (o TBC), e no Rio com os grandes nomes do teatro e da TV, como Cacilda Becker, Walmor Chagas, Ziembienky, Sérgio Britto, Cleyde Yáconis, Sérgio Cardoso e muitos mais.



Aos 25 anos, falava com Cacilda, no camarim, que estava cansada daquela vida de teatro de noite, ensaio de madrugada, dormir de manhã, televisão (ao vivo - sem videoteipe) à tarde. Queria casar e ter filhos. Papai, Sávio Pereira Lima, estava na platéia. Era um médico amigo de artistas, e Cacilda os apresentou. Pouco depois, Mamãe deixou o teatro e, apaixonada, acompanhou meu pai para uma aldeia de pescadores, Marobá, hoje Nova Viçosa, no sul da Bahia, onde viveu seus primeiros anos de casada, e eu meu primeiro ano de vida. Papai tinha 40 anos, tinha ficado viúvo muito jovem, com um filho pequeno, tinha se casado, tido outro filho e se separado. Com esta vida atribulada, desgostoso com seu destino, se refugiou em Nova Viçosa, onde trabalhava como médico de uma empresa madeireira, único médico da região.



Mamãe enfrentou as dificuldades imagináveis, e se casou somente na

Igreja Católica, com aquele médico viúvo e desquitado, mas para a Igreja só viúvo, com dois filhos, meus irmãos Paulo César e Leonardo, o Kiko. Quem os casou foi um frei que na época arrebanhava as ovelhas negras do teatro, amigo dos artistas, e hoje o Bispo Primaz do Brasil, Dom Lucas Neves, amigo de muito tempo.

Dois anos depois fomos morar em Petrópolis, onde nasceu meu irmão Geraldo, e onde conheceu os amigos Pola e Tato Gostkorzewicz e Zilah e Luís Tranin, amigos da vida inteira.

Em 1959, Juscelino anunciava a construção de Brasília e a mudança da capital. O espírito aventureiro de Papai fez com que nos mudássemos para lá, no início de 60, onde vivemos a vida dos candangos pioneiros de Brasília. Lá nasceu meu irmão Pedro. Papai era médico pediatra da Câmara dos Deputados, foi secretário de Saúde do Distrito Federal, e nossa vida se estabilizou, dentro do que era possível para aquela família ser estável. Mamãe tinha 32 anos, três filhos, dois enteados, um marido respeitado profissionalmente e uma enorme insatisfação profissional.

Começou a usar sua criatividade na TV Brasília com um programa infantil de fantoches, o Teatro do Candanguinho. Contava histórias infantis na Rádio MEC, era júri do concurso de Miss Brasília e desenhava fantasias para o cabeleireiro Augusto, nos bailes carnavalescos, onde ele ganhava todos os prêmios da categoria "originalidade". Foi professora na UNB, sem nunca ter sido universitária, e criou um grupo de teatro amador com operários, no SESI, onde encenou "Morte e Vida Severina" de João Cabral de Melo Neto, numa montagem com atores operários que entusiasmou Paulo Autran, que viajava com a mesma peça numa turnê nacional.

Passamos nossa infância neste ambiente de teatro, ensaios, cenários e figurinos invadindo a casa, junto com companhias de teatro em turnê e jovens artistas de Brasília, que seguiam Mamãe, numa tentativa de compensar o deserto cultural e os tempos de ditadura. Dentre estes, alguns se tornaram famosos: Ney Pereira, hoje o cantor Ney Matogrosso; Claudio Gaya, ator e dançarino que mais tarde foi um dos "Dzi Croquetes"; Vicente Pereira, autor de teatro e TV que iniciou o chamado "teatro besteiro!"; Ana Miranda hoje conhecida escritora e sua irmã Marlui Miranda, cantora e compositora e muitos outros, menos famosos mas não esquecidos. Dormíamos na sala ouvindo jovens ensaiando Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Camões, e o fantasma Pluft de Maria Clara Machado, e "caminhando e cantando e seguindo as canções"... Para nós, muitas vezes era difícil chegar numa casa vazia e desorganizada, entender

aquela mãe com uma criatividade inesgotável, uma artista que se refugiava na fantasia do teatro para escapar da dura realidade de uma família numerosa e fora do padrão, na capital de um país em regime militar. Temos lembranças cheias de risos e lágrimas, de um tempo difícil, com amigos de nossos pais presos ou exilados, com nosso telefone censurado, e o carro da polícia na esquina, aterrorizando e vigiando.

Nas férias, íamos para o Festival de Inverno de Ouro Preto, onde Mamãe dava cursos de teatro ou para o Festival de Arcozêlo, com Paschoal Carlos Magno e suas inacreditáveis irmãs italianas, tia Aurora, tia Orlanda e a terceira? "Se a memória não me falha..." Era divertido, mas não era fácil. Conciliar o inconciliável... Ser filho de Sylvia Orthof era mais divertido para quem via de fora. De dentro, tivemos tempos difíceis. A liberdade cerceada, a censura dificultava o trabalho de Mamãe. A pressão aumentava e em 1966, aos 34 anos, ela fugiu para Paris, com Vovó Trude, Geraldo e eu, para os braços de Tia Hedy. Mamãe "deu um tempo", como se diz hoje em dia. Pedro, com 2 anos, e Papai ficaram em Brasília. Paulo se casou com Nena. Kiko morava no Rio com sua mãe Marita. Geraldo e eu fomos para um colégio interno na França e aprendemos a rezar em francês, "Je vous salue, Marie, mère de Dieu..." e a pedir a reunião da nossa família e a volta ao Brasil.

Depois de 4 meses, Papai foi nos buscar. Voltamos à vida familiar em Brasília. Prosperamos junto com a "corrente prá frente, Brasil", mudamos para uma casa no Lago, mas o cerceamento da liberdade, o cerco militar, a censura e a tortura não deixavam nossa família ser feliz. Meu irmão Geraldo estava brincando com o filho de Márcio Moreira Alves, quando chegou o AI 5 e o fechamento do Congresso, e foi devolvido às pressas no caminho para o exílio.

Mais tempos duros vieram. Papai descobriu que estava com câncer e resolveu devolver Mamãe e os filhos ao velho Orthof. Mudamos em 1971 para Petrópolis. Nossa casa em Brasília foi vendida e o dinheiro aplicado na Bolsa, que ruiu naquele ano. Retomamos o convívio familiar com as famílias Orthof e Pereira Lima, e os velhos amigos de Petrópolis. Por pouco tempo, pois alguns meses depois Tato perdia sua mulher e as duas noras num trágico acidente de automóvel. Mais alguns meses e nós voltávamos à Brasília para tentar atender às necessidades da doença de Papai. Mamãe ficou viúva aos 40 anos. Voltamos à Petrópolis, e então os dois amigos viúvos, Mamãe e Tato, se encontraram e se casaram.

Começou aí a segunda etapa da vida de Mamãe. Recém casada com

Tato, voltou ao Rio e retomou sua vida profissional. Escreveu e dirigiu no MAM (Museu de Arte Moderna) do Rio, a premiada peça infantil "A Viagem do Barquinho", em que toda a família trabalhava. Do teatro passou à literatura infantil e começou a sua carreira de sucesso como escritora. O casamento fez com que Tato, aposentado como arquiteto, e também ele um artista, retomasse a pintura e o desenho, passando a ilustrador da maioria dos livros de Mamãe. Alguns foram ilustrados por ela própria, outros por meu irmão Gê, e outros por vários desenhistas.



Enquanto isso, nós, adolescentes, tentávamos nos adaptar a tantas mudanças. Dois anos depois, numa noite do início de 75, quando estava a família reunida jantando em casa, com os pais de Mamãe separados há 35 anos, mas sempre amigos e jantando juntos, Vovô Trude enfartou e morreu. Mais um duro golpe para Mamãe que não tinha mais a intermediária pacifista para ajudá-la na sua conflituada relação com Vovô Geraldo.

Pouco depois eu me casava com Joaquim, e Geraldo e Cecília começavam a namorar. Mamãe tinha a vida cada vez mais voltada para a literatura, sendo reconhecida como escritora. Pedro cresceu, Mamãe e Tato mudaram para Petrópolis e produziram mais de cem livros.

Em alguns momentos foi difícil ser filha da escritora famosa. A Bienal do Livro coincidia com os nossos aniversários, meus filhos nasceram enquanto Mamãe descobria o prazer de fazer o que gostava, de ter sucesso. Mamãe escrevia livros e fazia dedicatórias aos netos Mariana, Francisco e Nina.

A artista Sylvia Orthof nos roubava a mãe e avó e colocava nossos nomes em seus personagens. Vieram os tempos da família separada. Geraldo e Cecília, com a filha Nina, ficaram longos anos fazendo mestrados e doutorados em Arte e Música, em Nova Iorque. Pedro foi morar em Barcelona, experimentando a vida.

Depois, o retorno. Os filhos voltaram ao Brasil. Nasceu a quarta neta, Olívia. Começamos a nos reencontrar, aceitando nossas diferenças. Aos 60 anos, Mamãe perdeu seu pai, ele com 90 anos. Foi um tempo duríssimo para ela, filha única, lidar com o pai difícil, doente, exigente e sem família, após 4 casamentos.

Tivemos, nós os filhos, que ser irmãos da Mamãe. Ela lamentava muito não ter irmãos, e neste último ano e meio, agradei à Mamãe não só o fato de ter me dado irmãos, mas principalmente estes irmãos. Todos estiveram próximos, e isso tornou menos difícil a dor da situação. Fomos valentes e corajosos e não abandonamos Mamãe, como ela não abandonou seus pais. Mamãe morreu com seus três filhos em volta, o genro, as noras, os netos, o marido.

Mais madura, pude olhar para Mamãe e ver a vida rica que ela construiu. Fomos criados num modelo de coragem, dignidade, solidariedade e respeito pela vida, e cada um a seu modo tem feito bom uso deste exemplo.

Mamãe teve uma vida plena e rica, e neste inevitável inventário, é bom ver que ela fez a sua parte, o seu melhor possível. Foi casada por 15 anos com Papai, e por 24 com Tato. Fez o melhor que pôde o papel de madrastra dos dois filhos de cada marido. Foi sincera e tentou superar as dificuldades. Teve nós três, seus filhos, seus quatro netos e mais todos os outros emprestados, filhos dos enteados, do genro, da nora. Foi generosa. Criou, trabalhou, usou seu potencial, não desperdiçou seu talento, foi coerente com sua ideologia de liberdade e de paz.

Agora, no início do ano passado, quando descobrimos o câncer que a levou, imaginávamos que teria poucos meses de vida. Ainda viveu um ano e meio, e nesse tempo escreveu vários livros, enfrentando a quimioterapia, os exames, duas cirurgias e três internações hospitalares. Foi pena ter ido agora, com tanto ainda por fazer.

Mamãe sempre foi mística. Voltou a pedir ajuda à religião, que nunca esteve ausente de sua vida. Seus livros estão repletos de símbolos religiosos, judaicos e católicos, e quando começou a pesquisar a cultura brasileira e africana, os orixás do candomblé também participaram de sua literatura, numa mistura alegre e solidária de um Deus único e generoso. Quando vejo os quadros do pintor Marc Chagall, penso que era assim a religião de Mamãe: alegre, fraterna e generosa.

Foi um tempo de convívio intenso e doloroso. Passamos a conviver com intimidade com ela e Tato, que aos 85 anos se mostrou um companheiro de verdade, para a alegria e a dor. Mamãe, que esperava cuidar de Tato, foi cuidada por ele. Mais uma vez a vida se mostrou imprevisível.

Até quase o final, Mamãe negou a presença da metástase que a levaria. E, há poucas semanas, quando me perguntou se eu achava que morrer doía e eu respondi que às vezes viver doía mais, é que ela começou a falar e escrever sobre a morte.

Foi só no fim que a doença se mostrou pesada demais, e que o carinho e a humanidade da equipe de oncologia do Dr. Mauro Sérgio Vieira de Melo amenizou a dor. Mamãe teve pessoas especiais que a ajudaram: Dr. Ribamar, ^{DR. CAVALA, DR. JANE, DR. FERRARI} as auxiliares de enfermagem Geralda e Cida, a secretária Adriana, "a anja da guarda" Sandra, que agora continua ajudando Tato, e ainda o Carlinhos, misto de amigo e motorista.

Além disso, os amigos, que não poderia citar sem cometer injustiças.

De todos, e de cada um, guardaremos uma mistura de ciúmes e carinho.

Nos últimos dias não pude deixar de pensar como o nascimento e a morte são parecidos. A espera, a ansiedade, o convívio familiar mais íntimo, nossos corações e mentes voltados para um único tema e, no fim, a morte de Mamãe foi como um parto às avessas: seus filhos ao redor da cama, o genro, as noras, os netos, o marido, os enteados, todos próximos, diminuindo a sua dor, ajudando Mamãe a morrer como ela nos ajudou a viver. No nascimento, e na morte, cada um é insubstituível no seu papel. Foi um parto, às avessas, e sendo assim, hoje este encontro pode ser visto como um batizado. Para ela, ser guardada em nossa memória, e para nós, seus filhos, o batismo de fogo da maturidade. Ficamos com a herança de não só acreditar na Justiça, na Paz, na Solidariedade, mas de trabalhar por elas.

Ao padre Djalma, companheiro de trabalho e de ideologia, obrigada por celebrar este ato.

Sylvia Orthof
Gostkorzewicz
☀ 03-09-1932
☾ 24-07-1997



De Fernando Pessoa,
poeta querido de Mamãe:
*Valeu a pena? Tudo vale a pena
se a alma não é pequena.*